

Áreas do Lago Norte já abrigam mais de 3 mil em novas invasões

Elson Soares

Heli Espíndola



Na invasão do Varjão Torto, no Lago, as crianças tomam banho e bebem água dos córregos

Algumas pessoas acreditam que ter uma invasão perto de sua residência é algo perigoso e desesperador que sempre implica em assaltos e riscos de vida. Essa expectativa por parte da sociedade é consequência de uma opinião, até certo ponto deturpada, de que o invasor não passa de um marginal, que está sempre querendo atacar alguma "grande" mansão, revolta com a realidade que o sufoca.

Atualmente em Brasília, só nas invasões instaladas no Lago Norte, "vivem" cerca de 3.500 pessoas, incluindo-se o Varjão do Torto, o chamadas invasões dispersas, chamadas invasões dispersas, espalhadas por toda a cidade. O "vivem" entre e aspas é proposital. Não há condições de alimentação, saúde, e higiene e os favelados têm que se virar como podem: falta tudo, principalmente comida e até banheiro. O que não é permitido ser construído pela Terracap. As famílias são numerosas (a grande maioria tem de sete a dez filhos) e dormem sob um teto de madeira ou mesmo de papelão, em duas ou no máximo três camas.

A realidade comprova que a Nova República ainda está longe de vencer um de nossos maiores desafios: o desemprego. No caso das invasões, o problema é agravado por outro, o êxodo rural que continua "empurrando" o trabalhador do campo para as grandes cidades na esperança de melhorar de vida. Em Brasília essa expectativa é tão grande quanto às suas consequências. Por ser a Capital Federal a cidade, tanto atrai quanto repele.

Um lugar de paz

Apesar da vida ser um tanto cruel para a maioria das famílias invasoras, elas defendem com "unhas e dentes" o seu pedacinho de chão ou seu barraco de papelão ou madeira. Na invasão do Varjão do Torto, no Lago Norte, as pessoas acham a tranquilidade um fator de grande importância para a sua permanência no local: "Aqui nós temos paz e nos vinte anos de existência da invasão apenas um crime foi registrado", afirmou Anita Francisca da Silva, esposa de Rafael Gregório da Silva, empreiteiro de jardinagem, que é também presidente da comunidade de Varjão do Torto.

A paz realmente parece fazer parte do local, onde não faltam os cachorros, que não são de raça e se alimentam dos ovos das poucas galinhas que os moradores possuem; os gatos; os pés de mandioca, milho e bananeira e até um violão trazido por um amigo de uma das famílias para aliviar a tristeza. O violão coitado, não mata a fome e para muitos só resta uma alternativa: a mendicância ou a cata de restos de alimentos nas lixeiras dos restaurantes ou centros comerciais da cidade.

Desespero

Esse é caso de Francisca Pereira Martins, cujo marido, Francisco Antônio Pereira da Silva, um pintor empreiteiro teve um acidente de trabalho e quebrou o braço, o que acabou fazendo com que ele ficasse impossibilitado de continuar a desempenhar seu ofício. Mas o problema de Francisca não é só esse. Mãe de oito filhos, — o menor com nove meses de idade — tem uma criança, de 1 ano, com problemas no coração o que a impede de trabalhar fora de casa. Diante disso, a família está passando fome e Dona Francisca, que pede comida nas mansões do Lago Norte, já tentou conseguir ajuda do Serviço Social e da Secretaria do Serviço Social, que até agora só se dispôs a preencher uma ficha da família.

Eulinda Dias dos Santos é uma jovem de 26 anos, mãe de seis filhos que está esperando o sétimo filho e já no nono mês. Ela, como a grande maioria das mulheres do Varjão do Torto, não conhece ou não pode tomar uma simples pílula anticoncepcional, o que evitaria o crescimento galopante das invasões.